

# FOLHA DE S.PAULO



OPINIÃO ([HTTPS://WWW1.FOLHA.UOL.COM.BR/OPINIAO/](https://www1.folha.uol.com.br/opiniaao/))

CLAUDIO BOTELHO

## Teto de R\$ 1 mi não seria ajuste, seria o encerramento de uma atividade

Para diretor Claudio Botelho, mudança na Rouanet afetará 'multidão de profissionais'



O diretor, produtor e dramaturgo de musicais Claudio Botelho - Marcus Leoni/Folhapress

11.abr.2019 às 18h30

 EDIÇÃO IMPRESSA (<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/fac-simile/2019/04/12/>)

**Claudio Botelho**

Faz 35 anos que trabalho em teatro, e há 35 anos escuto que "o teatro está em crise".

É um clássico, assim como é um clássico criarmos maneiras de sair da crise, surfar na onda dela e seguirmos trabalhando por amor, dinheiro, arte, teimosia e o que mais possamos chamar de gancho para não sair, e não sairemos, nunca.

Do ano 2000 para cá, começa a surgir aqui e ali um gênero que o país não via com tanta frequência desde os anos 1960: o teatro musical. No começo, eu e os então poucos adoradores desta categoria especial dentro do teatro não imaginávamos que nosso "cavalo manco" fosse ganhar a força que ganhou e crescer de maneira tão exponencial a ponto de se tornar o centro das atenções das artes cênicas. Mas aconteceu.

A quantidade de público que o musical (os de sucesso e até os de sucesso médio) arrebanha para os espetáculos é da ordem de milhões ao ano. Se tomarmos apenas o momento em que escrevo estas palavras, há em cartaz no Rio de Janeiro e em São Paulo pelo menos seis musicais. Cada um deles empregando no mínimo dez e no máximo 50 artistas no palco, uma média de 15 músicos na orquestra, e entre dez e 40 técnicos nos bastidores.

A operação geral de cada espetáculo desse pode empregar até 200 profissionais, somando-se aos mencionados produtores, programadores, assessores de imprensa, bilheteiros etc.

Um detalhe importante é que ninguém aqui trabalha apenas pelo amor à arte; somos todos assalariados, recebemos cachê, sustentamos nossas famílias com o que recebemos em nosso trabalho.

Parece estranho ter de citar isso como um detalhe, mas vale saber que essa é uma característica do teatro musical em si: seu perfil profissional vai para além da expertise de artistas e técnicos, é um gênero que se estruturou nestes 20 anos baseado em relações de trabalho que, anteriormente, não eram comuns no chamado teatro de prosa no Brasil.

Somado a tudo isso, nesse ínterim, dezenas de novas casas de espetáculo foram abertas para comportar as demandas técnicas e o acesso de grandes multidões ao teatro musical.

Criou-se, junto e em torno do nosso ofício, um “negócio” que vai muito além da relação entre público e espetáculo. Estacionamentos, bares, lojas, até vendedores de pipoca, um conglomerado de empreendedores se agregou aos musicais.

Diferentemente do teatro de texto, os musicais costumam fazer de cinco a oito sessões por semana, o que torna a operação geral um empreendimento realmente sólido e atraente para os que estão dentro e também dos os que gravitam em volta do nosso “show”.

Nossa operação é viável sem o incentivo da Lei

(<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/04/reducao-da-rouanet-vai-poupar-museus-mas-atacar-musicais.shtml>) Rouanet (<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/04/reducao-da-rouanet-vai-poupar-museus-mas-atacar-musicais.shtml>) ou de outra similar? Talvez até seja, mas o padrão apresentado acima é impossível.

Por mais sucesso que façamos, por mais que o público lote nossas oito sessões semanais, o valor dos ingressos não pagaria meio mês de vencimentos de todos os envolvidos.

Por que? Porque os ingressos são muito baratos? Absolutamente não, os ingressos são caros para o bolso do brasileiro (daí os necessários e fundamentais descontos legais, além das contrapartidas muito bem exigidas pela Lei Rouanet), e a receita gerada por eles, para o padrão dos espetáculos, não fazem nem cócegas na folha de pagamentos de todos os envolvidos.

Há desacertos no uso da lei de incentivo? Por Deus, como há. Houve disparates óbvios (<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/07/minc-aprova-valor-historico-de-r-286-mi-para-o-fantasma-da-opera.shtml>) e alguns nem tão óbvios assim? Como houve!

Mas é para isso que o Ministério da Cultura —hoje transformado em subpasta do Ministério da Cidadania— tem se aparelhado cada vez mais para

fiscalizar, cobrar, regular, afinar o controle de uma atividade que a cada dia cresce mais e, portanto, apresenta sempre novos desafios.

Não creio que as notícias recentes (<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/04/reforma-da-roanet-proposta-por-bolsonaro-ecoa-discurso-petista.shtml>) de que um teto de R\$ 1 milhão seja o que se pensa para o teatro musical. Não faz muito sentido esta determinação partindo de um ministério como o de Osmar Terra, que tem com secretário da Cultura Henrique Pires, um notável defensor das artes e do entretenimento em sua história, e menos ainda que venha justo do governo Bolsonaro, de viés liberal e decididamente favorável aos mercados e suas regras.

Há que mexer em tetos e limites? Que assim seja. Há que regular os aportes? Que assim se faça.

Mas o alardeado limite de R\$ 1 milhão (<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/04/bolsonaro-anuncia-que-teto-da-lei-roanet-caira-para-r-1-milhao.shtml>) não é um ajuste: é o encerramento de uma atividade que movimenta uma multidão de profissionais da área de entretenimento e, mais importante de tudo, que chega em seu destino final, o público, com uma pujança que nenhum outro setor artístico brasileiro chegou sequer perto nos últimos 20 anos.

Tenho certeza que vamos entender isso juntos, presidente, ministro, secretário. O que fazemos só tem a acrescentar ao que vosso governo inicia no país: modernidade, profissionalismo, empreendedorismo.

ENDEREÇO DA PÁGINA

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/04/teto-de-r-1-mi-nao-seria-ajuste-seria-o-encerramento-de-uma-atividade.shtml>